

# **O PROCESSO DE ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS POR PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIES**

Luiz Caldeira Brant de Tolentino-Neto - Faculdade de Educação, USP  
Nelio Bizzo - Faculdade de Educação, USP

## **Resumo**

O Governo Federal, com o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) propõe avaliar e distribuir livros didáticos para todas as escolas públicas de Ensino Fundamental do País. Os critérios para esta avaliação, bem como sua logística, são refinados a cada edição do Programa. No entanto, o impacto e as reações causadas pelo PNLD a quem ele realmente se destina são pouco estudados. O estudo do processo de escolha dos livros didáticos por professores de 1ª a 4ª séries é o objetivo deste trabalho. Buscamos conhecer os critérios utilizados pelos docentes na opção pela obra a ser adotada, as interferências internas e externas ao andamento do processo, as opiniões e sugestões ao PNLD. O trabalho visa contribuir para a eficiência do PNLD na medida em que expõe o processo sob o olhar do professor. Ao expressar as dificuldades, necessidades e desejos dos professores, visa colaborar com as mudanças necessárias para a melhoria da qualidade do ensino brasileiro. Procuramos estudar o processo de escolha dos livros *in loco*. Obtivemos expressivos relatos de professores sobre este processo, mostrando a diversidade de critérios e condições para as escolhas. Constatou-se o pouco uso do *Guia*, o desconhecimento de importantes etapas do Programa. Conhecemos suas deficiências estruturais, as pressões exercidas pelas editoras e poder público.

**Palavras chaves:** ensino de ciências; livro didático; critérios de escolha

## **Abstract**

The Brazilian Government, with the PNLD (National Program of the Didactic Book) considers to evaluate and to distribute didactic books for all the public schools of Basic Education of the country. The criteria for this evaluation, as well as its logistic, are getting accurated at each edition of the Program. However, the impact and the reactions caused for the PNLD to who it really destines itself is little studied. The PNLD arrives until the schools under the form of the Didactic Book Guide, material that it intends to be basic to the decision of the titles to be requested to the Ministry of Education. The study of the process of choice of didactic books for primary teachers is the objective of this work. We search to know the criteria used for the teachers, the interferences to the course of the process, the opinions and suggestions to the PNLD. Displayin the process under the look of the teachers, the work aims at to contribute for the efficiency of the PNLD. When expressing the difficulties, necessities and desires of the teachers, aim to collaborate with the necessary changes for the improvement of the quality of Brazilian education. We look for - with visits to schools and interviews with teachers - studying the process of choice of books *in loco*. We got significant stories, showing the diversity of criteria and conditions for the choices. We evidenced the little use of the Guide, the unfamiliarity of important stages of the Program, its structural deficiencies, the pressures exerted for the publishing companies and public power.

## **INTRODUÇÃO E OBJETIVOS**

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) propõe avaliar e distribuir livros didáticos para todas as escolas públicas de Ensino Fundamental brasileiras. Os critérios para esta avaliação, bem como as estratégias de distribuição, vêm sendo refinados a cada edição do PNLD. No entanto, o impacto e as reações causadas pelo PNLD a quem ele realmente se destina, são pouco estudados.

O estudo do processo de escolha dos livros didáticos por professores de 1ª a 4ª séries em diversas cidades do Brasil é o objetivo deste trabalho. Buscou-se conhecer os critérios utilizados pelos docentes na opção pela obra a ser adotada, as interferências internas e externas ao andamento do processo, as opiniões e sugestões ao PNLD. O trabalho visa contribuir com o PNLD na medida em que expõe o processo sob o olhar do professor. Procura também subsidiar novas pesquisas, e novas produções editoriais. E visa, sobretudo, ao expressar as dificuldades, necessidades e desejos dos professores, colaborar com as mudanças necessárias para a melhoria da qualidade do ensino brasileiro.

## **A POLÍTICA PÚBLICA DOS LIVROS DIDÁTICOS**

O Governo Federal estabelece políticas públicas voltadas ao livro didático desde 1938, quando estabeleceu condições para a produção, importação e utilização deste tipo de publicação. Em 1966 ocorreu a distribuição gratuita de 51 milhões de livros. Até o ano de 1983 a preocupação com a qualidade dos livros didáticos que chegavam às salas de aulas brasileiras era discreta. O que existiu, sim, foi um grande interesse em administrar tal onerosa distribuição. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) existe, com este nome e como parte da política pública para educação, desde 1985. Tem como objetivos principais a aquisição e distribuição, universal e gratuita, de livros didáticos para todos os alunos das escolas públicas do Ensino Fundamental brasileiro (MEC, 2002a/b). A preocupação com a qualidade pedagógica dos livros comprados pelo MEC é de fato iniciada em 1994.

A partir de 1995 o MEC ampliou a distribuição dos livros e instituiu a análise e avaliação pedagógica das obras a serem compradas e oferecidas aos professores das escolas públicas. Desde esta data, qualquer livro comprado pelo MEC é antes avaliado.

O MEC formou comissões avaliadoras que analisam os livros oferecidos pelas editoras. As comissões, divididas por área de conhecimento ficam responsáveis pela elaboração de critérios de análise, pela avaliação e classificação dos títulos. A avaliação pedagógica realizada pela SEF/MEC conceitua os livros enviados para análise em quatro níveis: os livros Excluídos (que, por não seguirem premissas básicas, não são adquiridos pelo MEC), os Recomendados com Ressalvas (1 estrela), os Recomendados (2 estrelas) e os Recomendados com Distinção (3 estrelas). Esse resultado tem por base critérios de qualidade desenvolvidos pela SEF/MEC que procuram determinar os livros que potencialmente podem colaborar para a qualidade na educação. Parte-se do pressuposto que um livro 3 estrelas possa contribuir mais para a qualidade na educação do que um livro 1 estrela, desde que as condições de sua adoção respeitem o que a resenha estampada no *Guia de Livros Didáticos* diz sobre tais livros.

Os números do MEC a respeito do PNLD 2000/2001 (MEC, 2000a/c) dimensionam a questão:

- 569 livros analisados em diferentes fases por diversos profissionais.
- 321 livros foram recomendados e tiveram suas resenhas no *Guia*.
- 200.000 exemplares do *Guia* publicados e distribuídos para 187.493 escolas, situadas em 5.507 municípios de todo país.
- 32.440.120 alunos beneficiados com a compra de 72.616.050 livros.
- R\$ 249.053.551,82 gastos na compra destes.

## **OS PROFESSORES E A ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS**

A pesquisa “Os Professores e a Escolha do Livro Didático de 1ª a 4ª Séries”, foi realizada em 2001 e coletou, entre outras informações, dados sobre o processo de escolha dos livros didáticos. Pesquisar a efetividade pedagógica dos livros didáticos de Ciências nos 4 primeiros anos do Ensino Fundamental implica pesquisar um conjunto de características que envolvem a sala de aula e não apenas o desempenho de estudantes em tarefas particulares.

## **METODOLOGIA EMPREGADA NA PESQUISA**

Optou-se por formar uma única equipe local, de 5 membros, todos com experiência na prática docente e de pesquisa. O fato de todos os integrantes da equipe residirem na mesma cidade propiciou um efetivo e homogêneo treinamento, trazendo a todos a mesma capacitação e instruções. A equipe - pesquisadores e coordenadores - desenvolveu os instrumentos e as técnicas de pesquisa em conjunto, permitindo um pleno conhecimento do material e das estratégias de campo. Os dados que aqui se apresentam são, em grande parte, frutos dos relatórios desta equipes, sob coordenação e análise do autor deste trabalho.

A escolha das cidades a serem visitadas partiu de alguns critérios relevantes quando se pretende uma amostra heterogênea o suficiente para se traçar tendências e descrever peculiaridades. Visitaria-se 5 cidades, preferencialmente, de porte médio e distribuídas por todo Brasil. Buscamos uma amostra diversificada, deixando de estar sujeitos a influências locais. A escolha pela diversidade é uma opção para se escapar do regionalismo. Tendo em vista a diversidade de cidades que se tem no país, escolher aquelas de perfis semelhantes é reduzir demais a amostra. Procuraram-se, sim, cidades de perfis diversos, enfatizando suas diferenças.

Outro aspecto relevante na escolha das cidades foi o histórico que tínhamos de algumas delas, que mostram peculiaridades e pontos interessantes no processo de escolha dos livros.

Na região Norte, a cidade escolhida foi Belém, no Pará. Para receber a equipe de pesquisa como cidade da região Centro-Oeste do País, escolheu-se uma cidade localizada também no Norte. O aparente equívoco se explica pelo fato de Tocantins ter sido separado do de Goiás no início da década de 1990 e por seus habitantes manterem hábitos e vínculos muito mais fortes com a região Centro-Oeste do que com a Norte, onde estão geopoliticamente. Fundamental na escolha desta cidade são os relatos de que em Palmas os livros ficam estocados em salas com ar condicionado aguardando a devida distribuição, tamanha a preocupação com eles.

Na região Nordeste visitamos Petrolina no Pernambuco. A cidade é a segunda maior do Estado e fica no interior, ao contrário das outras grandes cidades da região, litorâneas. Na região Sudeste alguns detalhes e precauções foram tomadas na escolha da cidade. Os Estados de São Paulo e Minas Gerais centralizam (ou centralizavam) o processo de escolha-compra-distribuição de livros texto. Recebem do MEC a verba referente à compra dos livros e negociam diretamente com as editoras. Esta possibilidade é aberta a todos os Estados. No entanto, a dificuldade de negociação, os melhores preços e condições obtidos pelo governo federal fazem 25 Estados mais o Distrito Federal abrirem mão desta decisão.

Tendo em vista tais limitações, Campos dos Goytacazes no Rio de Janeiro foi escolhida. A cidade é um importante centro na região. Santa Maria, no Rio Grande do Sul, foi a cidade visitada na região Sul.

Em todas as cidades a pesquisa foi realizada em escolas públicas de Ensino Fundamental (EF), que haviam participado do PNLD 2000/2001. As escolas visitadas são escolas sem nenhuma característica que as tornem muito diferentes das demais escolas da cidade ou da região. Não se visitou, por exemplo, escolas rurais ou de educação especial. A investigação das características da escola foi feita anteriormente às viagens, através do contato com órgãos de ensino e com as próprias escolas.

Entre os critérios para escolha da escola também estavam a receptividade e a boa vontade dos funcionários com a equipe de pesquisa. Os contatos por telefone revelaram o descaso de algumas unidades com a pesquisa e o interesse de outras. Estas últimas eram privilegiadas no momento da escolha.

Uma vez selecionadas as escolas, escolhiam-se os docentes a serem entrevistados. Procuravam-se professores que lecionassem nas séries iniciais do EF (preferencialmente na 4ª série) e que estivessem na docência há pelo menos 5 anos, preferencialmente na mesma escola. Nesta pesquisa o vínculo mais do que profissional com a escola é importante, já que muitas vezes estes aspectos são fundamentais na relação do docente com a escola e sua comunidade e, por conseqüente, com a escolha do material utilizado.

Resultados satisfatórios viriam com aqueles professores que tivessem participado de pelo menos um PNLD e, sobretudo, que estivessem dispostos a colaborar com a pesquisa. Esta disposição se faz essencial, uma vez que a metodologia da pesquisa exigia um grande envolvimento do entrevistado com o assunto e com os entrevistadores.

A fim de dinamizar a pesquisa, a escolha dos locais de entrevista limitou-se a escolas que utilizam em suas aulas de Ciências para as primeiras séries do EF algumas coleções de livros. O estudo não poderia abranger escolas e professores que utilizassem todo e qualquer livro de Ciências oferecido no PNLD, uma vez que desta forma, teria-se uma visão extremamente fragmentada dos processos de escolha e uso dos livros. Certamente teríamos em nossa amostra apenas uma escola ou apenas um professor utilizando determinada coleção, desfavorecendo uma análise mais criteriosa e comparativa. Assim, optamos por escolher alguns títulos e visitar escolas que estivessem trabalhando com eles.

A seleção das escolas visitadas recaiu sobre aquelas que utilizavam ou livros mais bem avaliados ou livros mais solicitados no PNLD anterior. Esta amostragem, por ser abrangente e ao mesmo tempo dirigida, tende a retratar aspectos relevantes e decisivos da relação professor-escolha de livros.

Pesquisamos preferencialmente duas coleções diferentes em cada cidade. Em certos casos, as informações prestadas pela escola não conferiam com sua realidade e, assim, outros livros foram incluídos na pesquisa, não por falhas na seleção das unidades visitadas, mas por equívocos nas informações por estas prestadas.

Paralelamente à escolha das localidades, escolas e personagens, os instrumentos da pesquisa foram sendo elaborados e lapidados.

A título de treinamento, buscando aprimorar tanto os instrumentos de pesquisa, quanto à sincronia e harmonia entre as duplas de pesquisadores, programou-se um pré-teste. Ele foi aplicado numa escola de São Paulo/SP.

Realizamos, em cada uma das escolas, visitas para impressões gerais e de caracterização, entrevistas com diretor/coordenador pedagógico, e entrevista com professor selecionado.

Não utilizamos gravadores, evitando intimidações e diminuindo a timidez. A entrevista era realizada em um ambiente escolhido pelo entrevistado, calmo e reservado. A entrevista fluía informalmente, de modo que o entrevistado se sentisse em um bate-papo com os pesquisadores. Dessa forma, acreditou-se aumentar a veracidade dos dados obtidos.

As entrevistas foram feitas sempre por dois pesquisadores em conjunto, um que se responsabilizava por conduzir a entrevista, e outro que colaborava com essa condução, garantindo que nenhum ponto seja esquecido. Optamos por este método em que uma dupla de entrevistadores conversa com o entrevistado sem fazer nenhum tipo de anotação. O roteiro e o conteúdo da entrevista eram bem conhecidos dos entrevistadores que pouco precisavam consultá-los.

Os dois entrevistadores estavam de posse do roteiro de entrevistas, e faziam as perguntas de acordo com ele, deixando o entrevistado falar à vontade e interrompendo-o o mínimo possível. Após o encerramento, ambos saem da escola e confeccionam seus relatórios, com as respostas do entrevistado a cada uma das perguntas do roteiro.

O método de triangulação é utilizado para evitar, na medida do possível, a subjetividade das entrevistas: as respostas, dadas pelo professor a cada uma das questões presentes no roteiro, são anotadas individualmente pelos dois entrevistadores após a saída da escola, compondo um relato. Os dois relatos são comparados e os dados coincidentes constarão do relatório final. Nos casos em que houve discordância entre os relatos, por menor que ela fosse, foi realizado um debate entre os entrevistadores. Caso se tenha chegado a um consenso sobre a resposta do entrevistado, esse dado passa a compor o relatório final. Caso o consenso não fosse atingido, o dado era descartado. Desta maneira, os registros feitos no relatório final são aqueles entendidos como fiéis à expressão dos entrevistados.

Essa metodologia, entrevistas não registradas e triangulação dos resultados, busca um maior envolvimento dos entrevistados no momento da entrevista, gerando dados mais coincidentes com a realidade e com um menor grau de subjetividade. Além destas vantagens, observamos uma maior motivação nos professores em participar da pesquisa, gerando maior confiança e fidedignidade nos dados coletados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa apresenta muitas sugestões para tornar o PNLD e seu *Guia* mais atraentes e úteis aos professores. Indica, sobretudo que os professores não escolhem um livro apenas pela leitura de uma resenha ou pela indicação de um colega. Desejam manusear o volume, verificar eles próprios as atividades propostas, sentir o grau de dificuldade dos textos e exercícios, ver as figuras, sugestões de avaliação, e subsídios à preparação das aulas. Querem analisar eles mesmos os itens avaliados no PNLD, além de outros pontos que julgam importantes.

O fato de ter os livros nas mãos e poder folheá-los, segundo os professores, facilita e é decisivo no momento de se escolher. Dessa maneira, as opções de escolha ficam, na maioria das vezes, restritas àqueles livros que os docentes têm contato direto.

Sugeriu-se aos pesquisadores que o *Guia* esteja na escola em maior quantidade de exemplares e com maior antecedência, viabilizando sua utilização por todos os interessados, e que seja dividido em volumes de acordo com as áreas curriculares. Esta última sugestão, repassada à equipe do MEC por meio de artigo entregue em agosto de 2002 (SANO, BIZZO e TOLENTINO-NETO, 2002), foi aceita e o *Guia 2004* foi publicado em volumes separados.

Professores sentiram falta de uma introdução mais objetiva e de instruções de como utilizar o *Guia*. Uma sugestão bem recorrente é a que propõe que ele traga informações de como utilizar os livros avaliados.

A classificação oficial em estrelas mostrou-se pouco relevante na hora da escolha. Os docentes, via de regra, apenas conhecem a classificação, mas efetivamente não a usam como critério de escolha. O *Guia*, na maioria das vezes, acaba funcionando apenas para consulta *a posteriori*, muitas vezes, apenas para “desempatar”.

O professor, após ter escolhido o livro, apenas verifica no *Guia* se ele se encontra na categoria dos recomendados, ou seja, se pode efetivamente ser solicitado ao MEC. Essa consulta posterior decorre tanto do atraso no recebimento do *Guia*, quanto da falta de direcionamento aos professores.

Na edição do *Guia 2004* - novamente por sugestões vindas da pesquisa - não há mais a classificação por estrelas. Manteve-se sim, a classificação por categorias: Recomendados com Ressalvas, Recomendados e Recomendados com Distinção.

Um ponto de desestímulo aos professores decorre do fato que, em grande parte das escolas pesquisadas, os livros enviados não são aqueles escolhidos em primeira opção. Os professores afirmam que “*não compensa investir muito tempo na escolha, já que a primeira opção não virá mesmo...*”.

Há ainda muita transferência de série entre professores do EF1. O professor, hoje lecionando na 1ª série, pode estar na 4ª série no ano que vem, e na 2ª no ano seguinte. Uma frase dita por um desses professores resume a situação: “*O livro que escolhi não sou eu que uso e o livro que uso não fui eu que escolhi...*”.

Essa constatação reforça a necessidade de que a escolha recaia sobre coleções e não mais sobre livros isolados, já que isto se configura em um fator a mais de desestímulo a uma escolha bem conduzida.

Detectou-se o que um professor considera ao escolher um livro de Ciências. A maioria de entrevistados respondeu que, o primeiro elemento que avaliam, diz respeito à adequação das propostas do livro às suas próprias dinâmicas em sala de aula. O professor busca um livro que se adapte ao seu estilo e à sua forma de atuar em sala de aula, e não um livro ao qual ele, professor, tenha que se adaptar e mudar a forma de atuação. Obras com novas propostas são bem vindas desde que coincidam com as experiências e expectativas desse professor.

O bom relacionamento entre o livro e o professor é o principal critério para a seleção. Inovações são aceitas apenas se fizerem parte dessa interação, enriquecendo-a.

Entre os elementos do conteúdo de um livro levados em conta para a escolha, as ilustrações recebem destaque. Na opinião dos professores, as figuras são extremamente importantes para auxiliar no entendimento e na fixação de conceitos em Ciências. Livros com ilustrações bem acabadas, em escala, com títulos e legendas explicativos, coerentes e conectadas aos textos, são preferidos. Outro item de análise são os exercícios e atividades propostas. Em geral, os professores verificam, se existem respostas aos exercícios no Manual do Professor. Livros com respostas mais completas e explicativas, que os auxiliem nas atividades de sala de aula são melhores.

Uma queixa constante em todos os relatos refere-se à falta de informações regionais. Assuntos como clima, estações do ano, exemplos de fauna e flora, são centrados na realidade da região Sudeste, onde se concentra a maioria das editoras e dos autores. Aparentemente livros com uma abordagem mais ampla e com exemplos mais regionais teriam maior possibilidade de escolha.

Com todos os dados obtidos e a partir da experiência acumulada ao longo dessa pesquisa, algumas perspectivas de ação tornaram-se claras. Uma vez bem estabelecido o PNLD, as ações agora devem se voltar ao produto dessa avaliação, o *Guia do Livro Didático*. Torná-lo mais acessível é uma necessidade, essencial ao bom funcionamento do processo. Esta acessibilidade deve incluir o recebimento dos *Guias* pelas escolas em tempo hábil para permitir um maior conforto na leitura e análise das resenhas (fato apontado por BATISTA, 2002 - como um dos grandes motivos da não utilização do *Guia*). O fato de não ter os livros em mãos para verificar, ele próprio, os méritos e defeitos desse livro, continuará a ser uma realidade. Entretanto, se o *Guia* for bem conhecido, se as resenhas se tornarem mais atraentes e se, de fato, o professor se sentir agente decisivo nesse processo, conhecendo e acreditando em cada uma de suas etapas, então haverá grandes chances de ocorrer uma inversão de atitude, tornando o *Guia* ponto de partida para a escolha.

A pesquisa em Ciências mostra que os professores entrevistados entendem muito bem que um livro 3 estrelas não é melhor que um livro 1 estrela, no sentido de ter menos erros ou de formar melhores alunos. Entendem que o ideal é o livro que melhor se encaixe a estes alunos e ao professor que o utiliza. O importante é que, mesmo se esta escolha for de um livro Recomendado com Ressalvas, o processo de avaliação a que foi submetida tal obra garanta que esteja livre de erros e problemas que possam prejudicar o aprendizado. Se realmente uma obra 3 estrelas tem mais qualidade que uma coleção classificada com 1 estrela, não faria sentido oferecer esta última como opção de escolha aos docentes.

## QUANTO ÀS INTERFERÊNCIAS IMPOSTAS AO PROCESSO DE ESCOLHA

Nas grandes cidades - grandes mercados - as escolas, e até mesmo os professores individualmente, recebem amostras de livros vindas de editoras. Este fato não deixa de ser determinante na opção do professor, sobressaltado pelos incentivos dados pelas empresas (como brindes, prêmios e benefícios à escola).

A importância dada pelas editoras ao processo de escolha e a dedicação delas ao convencimento dos professores são justificadas pela dimensão econômica do filão de publicações didáticas. O governo federal compra aproximadamente metade de toda a produção editorial do país, grande parte livros didáticos.

A compra pelo governo desencadeia uma série de interferências no mercado editorial. Se por um lado o MEC determina os critérios pelos quais os livros serão avaliados, por outro os editores exigem determinadas condições de produção (os aspectos técnicos dos editais de PNLD) e cobram situações favoráveis de edição, vendas e prazos.

São muitas as reclamações de professores em relação à qualidade física dos livros. São pesados demais, feitos em papel transparente, de difícil manuseio pelos alunos. Tais problemas coincidem com aqueles apontados por profissionais de editoração, como a gramatura do papel no miolo do livro, sua opacidade e tipo de impressão, garantindo à obra, melhor legibilidade.

Em Campos as editoras costumam enviar catálogos de livros para as escolas. Estes livretos, propositalmente, se confundem com o *Guia* do MEC, direcionando a escolha para as obras da editora que o distribui.

Verificou-se também, uma grande hierarquização no processo de escolha: professores mais experientes e com mais anos de escola têm mais credibilidade e, geralmente, decidem a escolha. O professor iniciante normalmente passa a conhecer os livros disponíveis no mercado pelos seus colegas mais antigos. Muitas vezes, os mais experientes impõem suas vontades, talvez pela pouca motivação em mudar seus hábitos. Em geral, eles são mais fiéis a autores e títulos, e menos flexíveis e receptivos a mudanças. Uma das diretoras de Campos declara que “*o mais importante na escolha é a experiência do professor e o seu conhecimento sobre os livros didáticos*”.

Instâncias superiores às escolas também interferem no processo. Em Palmas, uma diretora afirma que palestras, seminários e oficinas (a maioria ministradas por funcionários/autores vinculados à editoras) são promovidas pela Secretaria de Educação, e que estes eventos direcionam as escolhas.

## **QUANTO AO FUNCIONAMENTO E MANUTENÇÃO DO PNLD**

A pesquisa destaca alguns aspectos que prejudicam o bom funcionamento do PNLD e sua imagem perante os professores.

Um ponto fundamental para a maior credibilidade do PNLD é sua transparência: os professores devem conhecer os passos do processo e os envolvidos em cada etapa. São recorrentes as reclamações relacionadas aos livros entregues pelo MEC. Os professores não entendem porque, por exemplo, muitas vezes recebem livros diferentes das duas opções enviadas ao MEC. Desconhecem o que é a reserva técnica, questionando a legitimidade da compra.

A possibilidade de haver problemas de negociação com alguma editora, não justifica plenamente a necessidade de uma segunda opção, uma vez que nos últimos anos, grandes grupos editoriais têm se formado, agregando em uma única empresa mais de uma editora.

Marcante também foi o que presenciou a equipe em Campos. O livro utilizado em 2001 pelos professores e alunos do EF1 de uma escola da cidade, não é um dos livros indicados e analisados pelo MEC. É sim um livro integrado que é adquirido todo ano por todos os alunos.

Independente da utilização do livro integrado, os professores escolheram e receberam um livro vindo do MEC, o qual é utilizado pela professora para a preparação das aulas. Vale destacar que na mesma cidade, a equipe visitou uma escola pública que não recebe os livros vindos do MEC em número suficiente para atender todos seus alunos, que são obrigados a utilizar livros de anos anteriores, de autores e editoras diferentes, uma vez que não há condições de comprá-los.

O MEC deixa de ter contato com as escolas a partir do momento em que entrega as obras, desconhecendo portanto, como estes livros são utilizados e deixando escapar a chance de melhor distribuir seus recursos. O contato só será retomado com a nova encomenda.

Os resultados da pesquisa ajudam a direcionar o andamento do programa, apontando algumas tendências essenciais à sua manutenção.

Uma das informações interessantes apontadas por BIZZO (2002a/b), é o aumento significativo de livros recomendados (seja com ressalvas ou não, com distinção ou não) entre a primeira e a terceira edição do PNLD, com queda na avaliação de 2004. Esta flutuação pode ser compreendida se considerarmos dois fatores: os livros apresentados no PNLD 1998 eram basicamente os mesmos apresentados no PNLD 1997 com pequenas alterações e correções. No PNLD seguinte, o 2000/2001 houve cerca de 66% de renovação de autores dos livros apresentados, o que certamente contribuiu na maior aprovação de obras nesta edição do programa.

No PNLD 2004, realizado em 2002, além do aumento de 40% no número de títulos inscritos, a porcentagem de títulos recomendados caiu significativamente. Em números absolutos no entanto, a quantidade de recomendados aumentou discretamente (passando de 80 obras em 2000/2001 para 84 em 2004) o que pode indicar uma acomodação no número de obras recomendadas, talvez alcançando um limite aceitável pelos critérios.

O que não se pode deixar acontecer é a padronização de obras como se tem observado nos últimos anos. As editoras tornaram-se eficazes na solução de problemas apontados pela avaliação ministerial, na reprodução de padrões aceitos pelo MEC e pelos professores, pasteurizando as obras, eliminando grande parte da diversidade que o professor tinha a seu alcance para escolha. Pelo que se vê, os processos de produção intelectual de livros didáticos saíram das mãos de professores para as de editores, ‘craques’ em remodelar livros segundo laudos do MEC. Esquece-se a finalidade e o uso do livro didático em nome da produção industrial.

Ao considerar esse aspecto, devemos levar em conta que cada edição do PNLD teve seus critérios de avaliação finamente modificados, acrescentando novos parâmetros e tornando cada vez mais apurado o processo de avaliação. Mas a avaliação não pode tornar mera inspeção de critérios.

Os profissionais envolvidos devem estar preparados para a formulação, aplicação e avaliação dos critérios. Não se pode deixar a cargo dos avaliadores finais dos livros (professores, especialistas e pesquisadores acadêmicos da área abordada pela coleção), por exemplo, a avaliação da legibilidade dos textos ou da ausência de estereótipos.

É essa evolução nos critérios que torna os livros didáticos mais adequados. Quanto mais elaborados e discutidos forem os critérios, quanto mais claro se tornarem aos autores, editores e professores, quanto mais fielmente forem seguidos por analistas e pareceristas, melhores serão seus resultados. E melhores serão os livros recomendados pelo processo.

A se julgar pelo andamento dos processos de avaliação dos livros didáticos de Ciências até hoje, em breve haverá maturidade suficiente para que o *Guia* - nos moldes atuais - não precise mais existir. Chegaremos a um ponto em que, autores, pesquisadores e professores saberão, por si próprios, avaliar tais materiais e, no caso destes últimos personagens, escolher aqueles que melhor se encaixam em suas aulas. Diferentes leitores/usuários exigem diferentes livros didáticos, o que - até certo ponto - minimiza as diferenças entre uma obra classificada com 1, 2 ou 3 estrelas pelo MEC.

Espinoza (2002), em uma avaliação externa ao PNLD, sustenta que,

*“(...) quanto mais afastado está um docente das concepções de ensino e aprendizagem sustentadas pelo Ministério, mais ele estará carente de acompanhamento em sua escolha, e menos possibilidades terá de interpretar o sentido destas recomendações”* (livre tradução).

O investimento, neste momento, deve se voltar à melhoria da formação inicial e da capacitação continuada dos professores, à criação, ampliação e manutenção das bibliotecas escolares, e aos incentivos profissionais.

## BIBLIOGRAFIA

- BATISTA, A.A.G. *Escolha de livros de 1ª a 4ª no PNLD/2001: o que dizem os professores?* CEALE/UFMG, 2002.
- BIZZO, N. Reféns da Ignorância. *Ciência Hoje* 187 (32): 8-12, outubro 2002a.
- BIZZO, N. Reflections upon a National Program Assessing Science Textbooks: What is the importance of content in Science Education? In: X Symposium of the International Organization for Science and Technology Education – IOSTE, *Proceedings* v. 2: 710-720, Brasil, 2002b.
- ESPINOZA, A.M. *El libro didáctico en la enseñanza del Área de Ciencias Naturales: sus alcances y dificultades*. Relatório entregue ao MEC em 2002.
- MEC, *Recomendações para uma política pública de livros didáticos*. Brasília, 2000a.
- MEC, *Guia de Livros Didáticos 1ª a 4ª séries PNLD 2000/2001*. MEC/SEF/FNDE, Brasília, 2000b.
- MEC, *Programa Nacional do Livro Didático – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*. Folheto de divulgação distribuído na Feira Internacional do Livro. 2000c.
- SANO, P.T., BIZZO, N. e TOLENTINO-NETO, L.C.B. *Os Professores e a Escolha de Livros Didáticos de 1ª a 4ª séries – Ciências*. Artigo entregue ao MEC, 2002.